O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 40.º — N.º 2018

Sábado, 8 de Novembro de 1947

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua de Santa Joana, 35
Comp. e imp.—IMP. UNIVERSAL-AVEIRO
R. Combatentes da G. Guerra—Telef. 125

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto Agência Havas

CONTRA O DESEMPRÊGO

Não é novidade para os leitores deste jornal escrever que as crises de trabalho apresentam na história económico-social ciclos correspondentes aos periodos de depressão económica e que estes, por sua vez, é possivel hoje enquadra-los numa sucessão de carácter mais ou menos previsivel mercê dos estudos dos economistas modernos para conseguirem descobrir o que pode designar se por leis da economia política, ciência que apresenta nos seus fenómenos uma regularidade verdadeiramente admirável.

Também não constitui novidade afirmar que as crises de trabalho oferecem aspectos gravíssimos sobretudo nos países de produção *standardizada*, da chamada produção em série, onde o fabrico dos produtos conta com as enormes vantagens dum desenvolvimento técnico que, dir-se-ia, são contrabalançadas pelos inconvenientes de acarretarem, com a dispensa da mão de obra, a miséria de milhares e até milhões de homens, de famílias.

Está ainda na memória de todos a catástrofe que representou para os Estados Unidos, para a França e para todos os povos de economia industrial a crise de 1929 com as suas tremendas consequências do desemprego e que depois exigiram esforços e anos para serem eliminadas.

Portugal, apesar do seu nítido e insofismável progresso industrial, que se traduz no aumento estatisticamente verificado da população activa industrial, continua a ser um povo essencialmente rural, entendendo a expressão como significando, neste caso, ocupações ligadas à terra de carácter essencialmente agricola ou mesmo de natureza doméstica, como à falta de termo próprio poderão designar-se os trabalhos dum artezanato que é apenas complemento das lides agricolas.

O facto, que teóricos partidários e exaltados do industrialismo poderão interpretar como sintoma e causa dum possivel atraso económico, tem, na realidade da vida portuguesa, no seu condicionalismo económico, um significado que merece salientar-se: impediir as crises de trabalho, de tão graves repercussões na vida da classe operária. E' certo que o fenómeno não foge a periodos de falta de trabalho, mas para compreender-se, nesses aspectos, tem de considerar-se por um lado a curta duração e a localização, nas várias regiões do país, dessa crise de trabalho e por outro há que tomar nota nas medidas oficialmente empregadas para debelar o mal. E' a estas ultimas que hoje queremos referir-nos a propósito das actividades do «Comissariado do Desemprego» instituição de tão util como indispensável acção junto dos trabalhadores portugueses.

Seguiu-se, entre nós, o sistema de combater o desemprego pela realização, nas regiões afectadas, de grandes e frequentes melhoramentos públicos, através de comparticipações concedidas pelo «Fundo do Desemprego».

Com frequência os jornais noticiam a concessão de avultadas verbas para melhoramentos diversos. A fim de bem compreender-se a obra do «Comissariado do Desemprego» nesse aspecto vamos resumir, enunciando o montante das verbas para os melhoramentos realizados.

Referimo-nos apenas aos meses de Março e Abril do ano corrente.

Subiu a 13.000 contos a verba dispendida nesses dois meses, cabendo a maior comparticipação a Lisboa com cerca de 3.500 contos e a menor, no Continente, a Aveiro com 60 contos.

Compreende-se que nas fainas campestres são esses os meses de maior crise de trabalho e é fácil, em face disso, avaliar qual não será a verba despendida nas épocas mais atingidas.

Assim se combate o desemprego entre nós.

R. CRUZ

A ROMAGEM

Estiveram no sábado de tarde muito concorridos os dois cemitérios da cidade, que mais pareciam jardins do que a última morada dos que ali dormem o sono eterno da morte. Realizou-se a costumada procissão dos Terceiros de S. Francisco e no domingo, embora o dia estivesse chuvoso, ainda para eles se viu passar bastante gente envolta em crepes, sobraçando ramos de flores destinadas às sepulturas onde faltava esse preito de saudade.

As missas, essas, foram transferidas para a segunda-feira, regorgitando os templos de fieis desde manhã cedo.

O DEMOCRATA vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—Aveiro.

NOIVADO

Vai casar este mez a Princesa Isabel, filha mais velha dos reis de Inglaterra, a quem o Governo Português oferecerá, como prenda, uma urna de prata do 1.º título, com 82 cm de altura, toda levantada a martelo e cinzelada, com motivos de golfinhos, folhas e conchas, e que dizem ser mais uma prova da capacidade criadora dos nossos artifices.

Para honra sua e do país.

Será verdade?

Corre que vai crear-se uma empreza de transportes electrificados para uma ligação de carreiras entre Ilhavo, Aveiro e Vagos, tendo já andado pela primeira vila uns tantos senhores a medir ruas e prédios dizem que com essa intenção.

Pode ser, mas carros eléctricos, agora, achamos que é sistema muito antigo...

Circulo de Cultura Musical

Inauguram-se no dia 15 os concertos da delegação desta cidade, devendo apresentar-se no Teatro Aveirense a Orquestra Sinfónica Nacional, dirigida pelo maestro Igor Markewitsc.

O Rossio

—o—

Aproveitando um dos dias desta semana, ameno, banhado de sol, fomos por lá dar uma volta, vêr aquilo. Tudo na mesma, conforme o descrevemos. Tudo, não, pois notámos que desapareceu do lado da celebre fonte luminosa o *estand* que ainda lá existia desde a Feira como que a guardar êsse monumento, agora isolado e triste entre o pórtico, já com os ossos à mostra, e o *barracão municipal*, a servir, como aquele, de mictório, à luz do dia e perante a gente que passa, que atravessa constantemente o largo, sujeita, portanto, ao degradante espectáculo.

Pode ser que isto, assim como outras coisas que se estão passando em Aveiro, agradem e sejam inclusivamente aplaudidas por condizerem com o modernismo da época presente. Nós, porém, temos outra opinião, que desassombradamente expomos por a isso nos obrigar a circunstância de sermos aveirenses e querermos elevar ao máximo esta linda terra dos canais para que os de fóra a apreciem quando a visitarem, levando dela as melhores impressões.

Ou julgam que é por outra coisa?

UMA CARTA

O' vaidade a quanto obrigas e ao que nós estamos sugeitos!

Recebemos a seguinte missiva, que, para castigo do seu autor, reproduzimos com todos os pontos e virgulas:

Aveiro, 3/XI/947

Ex.mo Senhor Director

Estive para não lhe escrever, e deixar terminar o período da minha assinatura, para em seguida me riscar de assinante do seu jornal, sem qualquer comentário. Mas resolvi o contrário, isto é, escrever-lhe.

No passado dia 6 de Setembro casou-se em Esgueira o meu filho mais velho. No seu jornal de 13 do mesmo mês, é publicada essa notícia na correspondência de Esgueira, mas nas pessoas que indicava terem assistido à cerimónia faltou citar a minha Esposa e por conseguinte a Mãi do noivo. Depois de termos falado com o s/correspondente em Esgueira, pedindo que fôsse rectificada a notícia, uma vez que se trata de uma senhora respeitável a todos os títulos, e ainda por deixar transparecer que o noivo não tem Mãi, o que felizmente não é verdade, e Mãi de que se orgulha. No entanto verifiquei que o senhor não teve por nós aquele mínimo de consideração que lhe devem merecer todas as pessoas que não conhece e mais ainda as assinantes do seu periódico. Pensei o contrário mas enganei-me!

Porque não rectificou a notícia?

Era uma maçada?!!!!

Mas não o foi quando rectificou uma notícia que se relacionava com o falecimento do sr. João Peixinho?

Como explicar esta diferença de atitudes?

Porque lhe merecem mais consideração os ricos?

Somos modestos, mas educados e muito honrados, e exigimos que tenham por nós a consideração que aos outros dispensamos. Não podiamos, portanto, calarmo-nos perante um tão descarado atentado às normas da boa educação, e continuarmos a ter consideração por quem a não tem por nós.

Aqui fica pois, lavrado o meu protesto indignado por um procedimento tão pouco lisongeiro.

Não mais quero que o seu jornal entre a minha porta, a menos que receba uma resposta cabal. Risque-me de seu assinante.

Seu, sem qualquer espécie de consideração

O nome nada importa, por não o conhecermos, nem de vista, o signatário. O que interessa é o que se depreende da maneira como o cavalheiro se nos dirige e que nos levaria longe, se fossemos a comentar.

A quanto obriga a estupidez aliada à vaidade humana!

Só com um gato morto.

NA CASA MÃE DAS FÁBRICAS ALELUIA

—o—

Como nos teatros acontece, uma assistência quase completa e assaz variada enchen na penúltima sexta-feira o salão de festas onde novamente teve lugar outro serão cultural por elementos do importante estabelecimento fabril conhecido em todo o país, nas ilhas, nas colónias e já em muitos pontos do estrangeiro, principalmente pelas suas faianças artísticas. A entrada foi por convites e o espectáculo—chamemos-lhe assim—iniciou-se com um programa escolhido em que sobressaiu, como dissemos, o Grupo Coral dirigido por Carlos Aleluia, cuja competência escusa elogios por estar sobejamente comprovada.

A conferência do sr. dr. Américo Cortez Pinto também agradou assim como mereceram aplausos as palavras do sr. dr. António Cristo ao fazer a sua apresentação. A assistência saiu, pois, deveras satisfeita com as horas passadas durante a noite em referência.

ARTE AÇOREANA

—o—

No *Club dos Galitos* esteve esta semada patente ao público uma exposição aonde não sabemos que mais admirar: se a arte se a paciência de quem no-la proporcionou.

Consiste a exposição de trabalhos executados com miolo de figueira brava por um novo, José Francisco de Melo, natural da Ilha do Faial, e que ninguem pode deixar de admirar por serem inéditos entre nós, embora pertençam a uma das muitas indústrias das nossas ilhas adjacentes. São miniaturas principalmente de barcos metidos em estojos envidraçados, como o *Navio Escola Sagres*, naus, botes, caíques, o couraçado britanico *Prince of Wales*, o navio de vela *Illyria* e ainda um altar que, pela maneira como o artista o apresenta, constitue outra maravilha no meio de tantas.

Este certamen interessou, como nenhum outro, Aveiro por estar intimamente familiarizada mais ou menos com os assuntos a que diz respeito. Sim, senhor. Gostámos de ver. Os açoreanos são, realmente, uns grandes artistas, mas apostamos em como o sr. J. Melo nunca chegará a conseguir com a sua habilidade, o seu talento e o seu trabalho uma vida desafogada e próspera como nós lhe desejamos.

E' que há artistas e artistões, o que faz a sua diferença.

* * *

A exposição, em vista do sucesso alcançado, só encerrará ámanhã à noite, diz-nos o sr. J. Melo à última hora.

Verão de S. Martinho

Cá o temos—autêntico—sem confecções. Sol vivo, a irradiar luz e calor; dias serenos, sem briza; enfim: um Outono, que é um amor na nossa terra a condizer com a beleza das tricanas nas suas horas felizes de alegria.

Verão de S. Martinho! Nós te saudamos ao recordar as castanhas e o vinho dos magustos naquelas noites de sadia esturdia em que a rapaziada, sem preocupações, festejava o santo com extraordinária animação.

Bons tempos!

COISAS NOSSAS

Transcrevemos de uma correspondencia da Gafanha da Encarnação inserta no ultimo número de *O Ilhavense*:

Em *O Democrata*, de Aveiro, vimos há dias, numa local da sua primeira página, uma referencia às enchentes e vasantes das marés que tomam, por vezes, notáveis e prejudiciais diferenças. E isso constitue uma grande verdade, vista e esperada a tôda a hora.

Próximo à Cambeia o volume de água tem prejudicado imensamente os terrenos marginais e cultivados há muitos anos, considerados hoje perdidos. Na margem da ria até à Vagueira as águas sobem também pelos terrenos de cultivo, inutilizando sementeiras e deixando-os impróprios para novos serviços de agricultura.

E entretanto nas vasantes a ria fica escalvada, enxuta, podendo em alguns pontos passar-se a pé de lado para lado.

Ora essa diferença manifesta-se depois que foram iniciados os trabalhos da Barra. O caso não se explica bem, mas factos são factos e não há forças humanas que os façam desviar para outros pontos. Isto no que diz respeito à ria da Costa Nova e que banha a parte marginal de tôda a Gafanha.

E depois, lembra perguntar se as novas obras da Barra concorrerão para maior volume de água e se estas subirão até se perderem terrenos classificados dos melhores e dos quais se pagam ao Estado contribuições bem pesadas! E ainda se se deve deixar perder essa riqueza sem que se lhe oponha um obstáculo, uma barreira, defendendo aquilo que tanto custou a arrotear e a conservar até nos dias de hoje! Se não merece um olhar de compaixão o que fertiliza e enriquece um povo que moureja de manhã à noite o pão de cada dia, tornando arável e saudável o que foi pântano, o que não tinha valor, o que era desprezado!

De há muito que esta pena não tem entrado em assuntos desta natureza.

Emudecemos porque a negrura das ingratidões e a vaidade dos homens inconscientes nos levaram a isso. Mas de vez em quando vem-nos à memória estes casos que bolem com o nosso *eu* individual, com a nossa consciência mesmo, recomendando que em nome dos bons princípios e do interesse colectivo se devem dizer algumas palavras sem azedume, mas que a Razão recomenda que se digam, visto estar em jogo o suor do povo, deste povo que não reclama mas que sofre como sofrem aquelas a quem uma ardorosa batalha pôs de parte e se lhe dá o nome de Vencidos.

E por hoje só isto.

Que já não é pouco.

"Defesa de Espinho,,

Está de parabens este nosso presadíssimo colega pela justiça que acaba de lhe ser feita.

Como é sabido, por aqui termos aludido ao caso, o ex-presidente da Câmara do concelho onde aquele semanário se publica, Fernando de Miranda Gomes, abusando da sua autoridade, mandou arbitrariamente prender Benjamim Dias, na noite de 5 de Janeiro de 1945, remetendo-o, 40 horas depois, ao tribunal da comarca acompanhado de um processo irrisório — para lhe não chamarmos outra coisa—em que o acusava de *injúrias contra a autoridade* e *abuso de liberdade de imprensa*, por ter feito, no jornal, de que é director, umas ligeiras criticas a alguns dos seus actos, nomeadamente à forma como foi organizada a recepção ao então ministro das Obras Públicas, hoje ministro do Interior, sr. eng. Cancela de Abreu, quando da inauguração oficial do novo Bairro Piscatório e que tanto deu que falar.

O processo correu os seus trâmites de harmonia com a Lei de Imprensa e no dia 28 de Outubro o Colectivo, reunindo, proferiu a sentença que, como era de esperar, absolveu Benjamim Dias, depois das testemunhas, quer de acusação, quer de defesa, provarem a benevolência da critica e até a omissão de certos factos que eram do conhecimento de uma parte do público e que pior colocariam o ex-presidente da Câmara, visto já ter sido demitido juntamente com outros que só comprometeram a situação, tal a antipatia de que gosavam.

E' que há indivíduos que, guindados a certos lugares e metendo-lhes a vara na mão, mudam logo de figura, persuadidos de que são alguem. Mas, coitados! A's duas por tres caem para nunca mais se levantarem, sendo então que alguns reconhecem a asneira que fizeram em sair do anonimato.

Em Espinho deu-se esse caso, tendo o nosso colega da *Defesa* concorrido bastante para o *desideratum* que se viu.

Felicitamo-lo pelo triunfo alcançado.

A manteiga

Continuam a formar-se *bichas* na Rua João Mendonça para se adquirir umas gramas deste produto, fabricado na cidade.

Registamos, apenas, o facto e nada mais...

Benemerência

Tendo passado no domingo o 3.º aniversário da morte, no Brasil, do sr. Humberto Hilário da Silveira, recebemos dum amigo para homenagear a sua memória, a quantia de 100$00 a fim de distribuidos por dez pobres envergonhados conforme a indicação recebida.

Em nome daqueles a quem contemplamos, os nossos agradecimentos ao generoso aveirense que, embora longe da sua terra, não esquece os que precisam de auxílio.

Movimento demográfico

No primeiro semestre do ano corrente nasceram em Portugal (continente e ilhas adjacentes) 99.653 indivíduos dos quais 51.810 homens e 47.483 mulheres. Faleceram no mesmo período 54.979 pessoas, sendo 27.945 homens e 27.034 mulheres, o que dá o excelente saldo fisiológico de 44.674 indivíduos.

Houve 30.028 casamentos.

Livros

Os Ultimos Dias de Hitler

Edições AOV, do Porto, acabam de lançar no mercado das livrarias do país mais um volume de 300 paginas, escrito por Trevor-Roper e traduzido do inglês por o sr. Jaime Napoleão de Vasconcelos sôbre a morte do ditador germanico e da sua amante Eva Braun.

Nem por muito se ter escrito já sôbre o fim destes dois personagens ligados à ultima guerra, deixa de ter valor o livro em referência, que não sabemos se será o ultimo sôbre o trágico fim do aventureiro que tanto comprometeu a Europa por ser o tirano mais sanguissedento de tôda a história moderda.

Agradecemos aos editores a oferta com que nos distinguiram.

Contra o cancro

Para combater este mal, que tanto alastra, foi feito um peditório em todo o país nos dias 1 e 2 com o fim de auxiliar a Liga na sua acção meritória.

Rendeu alguns contos.

Bairro Ferroviário

—o—

Mais uma vez lembramos a conveniência de o iluminarem como deve ser e de olharem pela sua pavimentação. Vem aí o Inverno e parece-nos que os seus moradores teem direito a ser atendidos nas suas reclamações, dando-lhes o que lhes é devido. Para isso estão constantemente a solicitar por nosso intermédio providências. Visto não fazer sentido o abandono a que foram votadas sem o merecerem.

Cortejos de Oferendas

Para evitar abusos, foi determinado pelo Ministério do Interior que apenas se autorizem os realizados a favor das Misericórdias, pondo-se deste modo termo aos que, com outros fins, havia quem os promovesse.

Apoiado!

Nova alfaiataria

Instalou-se no primeiro andar dum prédio da Rua João Mendonça e designa-se—*Alfaiataria Adónis*.

Não conhecemos o proprietário, que veio de fóra, e por isso longe de nós a ideia de supormos que se trata de uma homenagem póstuma ou de acreditarmos que estamos em presença doutra figura como a do José Maria, ali, de Ilhavo, e que era um az para o negócio de fazendas, dizem, deixando fama.

Muita freguesia desejamos venha a adquirir o novo estabelecimento.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, o sr. dr. Vieira Rezende, médico especializado em doenças pulmonares, e a menina Judith da Apresentação Graça, filha do sr. José Gonçalves da Graça; amanhã, a sr.ª D. Arlete do Céu Dias Morais, gentil filha do capitão de Cavalaria sr. António Rodrigues Morais; os srs. Ernesto Vieira, comerciante local, e Carlos da Naia Sarzola, escrivão de direito em S. Tomé, e a interessante Clementina Lopes Mortágua, filha do sr. José F. da Costa Mortágua, empregado nos escritórios da Vacuum; no dia 10, o nosso amigo dr. Humberto Leitão, esclarecido clínico; em 11, as sr.as D. Maria José da Silva Dias Figueiredo e D. Maria Ermelinda de Melo Picado Osório, esposas, respectivamente, dos srs. Jaime Figuiredo e dr. Augusto de Mendonça Sá Osório, residente na Foz do Douro, e D. Maria do Nascimento Afonso, de Coimbra; e em 14, a sr.ª D. Auzenda Testa, irmã do sr. João Testa, da importante firma Testa & Amadores.

Partidas e Chegadas

Está cá a passar alguns dias o nosso conterrâneo e amigo Amadeu Pinto dos Reis, funcionário de Finanças na Guarda.

—Estiveram nesta cidade o sr. Artur José Pinto Júnior, sua esposa a sr.ª D. Maria da Luz M. Lima Pinto, cunhado Angelo Martins Lima, o sr. Júlio Loureiro e ainda a sr.ª D. Rosa Martins, todos residentes no Porto; o capitão de fragata sr. Mário Ferreira da Costa e o sr. eng. Mateus de Lima que agora vivem na capital, e o sr. Manuel Gouveia, residente em Coimbra.

—Com sua esposa, regressou de Lisboa, o sr. Jorge Marques.

Correspondências

Esgueira, 5

Os dias 1 e 2 de Novembro são dias de recolhimento, de meditação e de saudade. Recordam-se os entes queridos que a Morte ceifou e sôbre as suas campas são espalhadas flores como preito de homenagem às suas memórias.

E' uma tradição que vem de longe.

—No vizinho lugar de Alumieira, caiu duma árvore, tendo morte quási instantanea, o menor de 11 anos, Pretório da Cunha Soares, filho de Manuel Soares.

Acompanhamos os desolados pais no seu desgosto.

—Com sua família retirou para Sacavem o nosso amigo Manuel Nunes Morgado, industrial de panificação.

—Está cá, de visita, o sr. Manuel Joaquim de Oliveira e Silva, com residência em Lisboa.

—Faz anos, no dia 11, Raul Ramalho, também nosso amigo, residente na capital, a quem felicitamos.

C.

Exames

Concluiu o 4.º ano na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa o nosso conterrâneo Ernesto José de Barros, filho do comerciante sr. Manuel José de Barros.

Felicitamo-lo.

NECROLOGIA

No bairro piscatório finou-se, segunda-feira de madrugada, Rosa de Azevedo Pinho, natural de Ilhavo, e filha dos proprietários da conhecida *Pensão Pauseira*, da Costa Nova do Prado.

Nova, pois contava 35 anos, apenas, era casada com o negociante de pescado e sal, José de Pinho Nascimento, de quem deixa uma filha, a menina Maria José de A. Pinho, aluna do liceu, que era todo o seu enlevo.

A sua morte causou consternação, principalmente no populoso bairro, que tomou parte no luto que envolve a desolada família, incorporando-se no enterro, que de tarde se realizou, com grande acompanhamento, para o cemitério central.

Ao viuvo, filha, cunhado, o nosso amigo João de Pinho Nascimento, que conduzia a chave da urna e que da Afurada, onde reside, veio tomar parte nas últimas homenagens prestadas à extinta, e a toda a família manifestamos o nosso pesar.

Faleceram mais: nesta cidade, José da Maia Camarão, casado, de 85 anos, e Francelina Correia da Cruz, solteira, creada de servir, de 47; no *Bonsucesso*, José dos Santos Branco, casado, de 74, e no *Solposto*, Amaro José de Pinho, de 56.

Resposta a uma declaração

—o—

Maria Carlos de Paiva, de 67 anos, vem publicamente responder à declaração publicada neste jornal, número de 1 de Novembro de 1947, nos termos seguintes:

1.º—E' casada segundo o regime de separação de bens com o declarante Manuel dos Santos (ou Manuel Francisco dos Santos), morador na Póvoa do Valado. Tem a respondente necessidade de contrair dívidas para prover à sua alimentação, vestuário e habitação, despesas que o declarante seu marido, administrador e detentor dos bens do casal, não satisfaz por enquanto. E como o declarante não tem necessidade de contrair dívidas, desde já a respondente afirma não serem da responsabilidade do casal quaisquer obrigações pelo declarante marido assumidas.

2.º—A respondente é uma mulher idosa, irrepreensivelmente séria, tem um património valioso em bens de raiz, e não é conhecida por qualquer alcunha. Talvez o declarante queira aludir aos maus tratos que dava à respondente e às ameaças que obrigaram a procurar refúgio junto da sua família em Ouca.

Ouca (Vagos), 2-Nov.-1947.

A rogo de *Maria Carlos de Paiva*

David Marcelino Carlos Pereira

(Segue-se o reconhecimento).

A Lutuosa de Portugal

(Associação de Socorros Mútuos)

SÉDE E PROPRIEDADE:

Avenida das Nações Aliadas, 168

PORTO

Inscrições desde os 16 aos 45 anos

Cotisação acessivel a todas as bolsas

Subsídio de 5 a 10 contos

ÉDITOS DE 30 DIAS

1.ª Publicação

Para os devidos efeitos se publica que no dia 11 de Outubro do ano corrente, faleceu em Lisboa, sem ter deixado declaração depositada para entrega do subsidio único, nos *termos* do artigo 50.º do Estatuto, o sr. ANTÓNIO DA CRUZ VIEIRA, gerente comercial, natural de Vera-Cruz — Aveiro — onde era domiciliado na Avenida Dr. Lourenço Peixinho, 123 e associado n.º 21.804 de *A Lutuosa de Portugal* — Associação de Socorros Mútuos.

Por êsse motivo e de harmonia com o § 2.º do artigo 54.º do Estatuto, são convocadas as pessoas que se julguem com direito àquele subsídio a proceder à sua habilitação perante a Direcção de *A Lutuosa de Portugal*.

Porto, 30 de Outubro de 1947.

O Presidente da Direcção,

a) ARTUR NUNES

A Previdência Portuguesa

(Associação de Socorros Mútuos)

COIMBRA

Permite inscrições de 1 a 30 contos

Subsídios que os sócios podem legar às suas famílias

Fundos permanente e de reserva .	16.098.072$00
Subsídios liquidados	9.217.012$95

ÉDITOS

1.ª PUBLICAÇÃO

Tendo falecido o associado n.º 5.901 António da Cruz Vieira, gerente comercial, residente que foi em Aveiro, a Direcção desta Mutualidade faz público que correm édito de 30 dias, a contar da segunda e última publicação dêste anúncio, convocando a habilitarem-se as pessoas que se julguem com direito ao subsídio deixado pelo falecido associado.

Coimbra, e Sède de «A Previdência Portuguesa», aos 3 de Novembro de 1947.

O Presidente da Direcção,

a) CONSTANTINO DA CONCEIÇÃO

Capitão

Câmara Municipal de Aveiro

EDITAL

Doutor Alvaro Sampaio, Presidente da Câmara Municipal de Aveiro:

Para completo conhecimento do público, se publicam as seguintes tarifas aprovadas pela portaria n.º 11.902, de 25 de Junho deste ano, para os automóveis ligeiros de aluguer em serviços a quilómetro à hora:

I — **SERVIÇO À HORA (para todo o país)**

Automóveis de 4 lugares (1 a 4 passageiros)

A primeira hora ou fracção. . . .	25$00
Cada meia hora ou fracção—mais . . .	10$00

Automóveis de 6 lugares (1 a 6 passageiros)

A primeira hora ou fracção. . . .	35$00
Cada meia hora ou fracção—mais . . .	15$00

II — **SERVIÇO A QUILÓMETRO (para todo o país)**

Automóveis de 4 lugares (1 a 4 passageiros) (Mínimo de cobrança 10$00)	1$80
Automóveis de 6 lugares (1 a 6 passageiros). (Mínimo de cobrança 15$00)	2$80

O alugador tem direito a dois minutos de espera por cada quilómetro pago e o excedente será pago à razão de 1$50 por cada meia hora ou fracção.

O percurso começa a ser contado desde o local em que o veiculo fica à disposição do alugador, por conta de quem fica o pagamento do retorno, pelo caminho mais curto.

E para constar se publica o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares mais públicos e do costume.

Aveiro e Paços do Concelho, 1 de Novembro de 1947.

ALVARO SAMPAIO

«O Democrata»

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano) .	30$00
Semestre . . .	15$00
Colónias (Ano) .	30$00
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso .	$60

ANÚNCIOS

Mais duma publicação, con trato especial.

Emprêsa de Pesca Costa Nova, L.da

Por escritura de 23 de Outubro de 1947, a fls. 96 v. do L.° n.° 780/241, de notas, do notário bacharel formado Alberto Carlos de Pinho, de Lisboa, foi entre *José Augusto Mendonça e Vansconcelos* e a sociedade *Testa & Cunhas, L.da*, constituida a sociedade **Emprêsa de Pesca Costa Nova, L.da**, —nos termos seguintes:

1.°

A sociedade ora constituida será uma sociedade comercial por quotas, de responsabilidade limitada; adopta a denominação de **Emprêsa de Pesca Costa Nova, L.da**; terá a sua séde na Rua Eça de Queiroz, n.° 2, da cidade de Aveiro; será havida por constituida e como tendo tido o seu início na data de hoje, e durará por tempo indeterminado.

2.°

A sociedade terá por fim a pesca marítima em embarcações que sejam propriedade sua, e industrias correlativas, podendo dedicar-se também a quaisquer outros ramos de actividade para que tenha obtido, ou não dependam de autorização superior especial.

3.°

O capital é da importância de 200.000.$00, e está já integralmente realizado, em dinheiro, tendo nesse capital o primeiro outorgante, José Augusto Mendonça e Vasconcelos, uma quota de 25.000$00, e a sócia *Testa & Cunhas, L.da*, uma quota de 175.000$00.

4.°

O primeiro outorgante, José Augusto Mendonça e Vasconcelos, transfere para a sociedade os seus direitos como armador inscrito e designadamente a sua posição na sociedade dos Armadores de Pesca de Arrasto e as autorizações que, como tal, tem, para construção de navios, podendo a nova sociedade promover os registos necessários para se assegurar da propriedade de tais direitos.

5.°

Não serão exigíveis prestações suplementares de capital; e os suprimentos serão facultativos, e não vencerão juro, salvo se houver sido fixado em acta.

6.°

A gerência e administração dos negócios sociais e a representação da sociedade, em juizo a fora, activa e passivamente, ficam a pertencer aos dois sócios, com direitos iguais, sendo necessária a assinatura dos dois para que a sociedade esteja válidamente representada. Podem, porém, os sócios delegar noutra pessoa os poderes bastantes para assinar a correspondencia e resolver assuntos que não responsabilizem a sociedade, sendo documento bastante uma propcuração assinada pelos dois sócios.

7.°

A gerência não será caucionada, nem retribuida, podendo, porém, passar a se-lo por deliberação unânime dos sócios.

8.°

A sociedade não poderá ser envolvida em fianças, abonações, letras de favor e actos semelhantes, nem em assuntos que lhe não respeitem e interessem directamente.

9.°

As assembleias gerais serão convocadas por cartas, dirigidas por um dos sócios ao outro, ou outros, com antecipação não inferior a 5 dias, salvos, porém, os casos para que a lei prescreva outra forma de convocação.

10.°

Anualmente, referido a 31 de Dezembro, será feito um balanço de todo o activo e passivo social, que deverá estar concluido e lançado no livro próprio antes de trinta e um de Março seguinte.

11.°

Dos lucros apurados em cada balanço, será retirada a percentagem de 5% para fundo de reserva; e a restante parte dos lucros, e também os prejuizos, quando os haja, serão divididos entre os sócios, na proporção das suas quotas.

12.°

No caso de dissolução da sociedade sócia, ou de falecimento de qualquer dos mais sócios, os seus sucessores continuam ou não na sociedade, conforme queiram. Querendo continuar, serão todos representados por um só de entre êles. Optando por sair, ser-lhes-á pago quanto lhes pertencer, segundo balanço a que na ocasião se proceda.

13.°

Se a sociedade se dissolver, serão liquidatários ambos os sócios.

14.°

Em tudo o mais, regularão as deliberações válidamente tomadas, constantes do livro de actas, e as disposições de lei que sejam aplicáveis.

Lisboa e cartório na Rua Augusta, n.° 100, 1.° andar, aos 27 de Outubro de 1947.

Ajudante do notário Dr. Alberto de Pinho,

LAURA DE ALMEIDA LUZ